

portfolio

paulo valeriano

2025



Nunca, certamente, desde que o mundo é mundo (estou falando do mundo sensível, tal como nos é dado a cada dia), não, nunca, qualquer que seja a mitologia vigente, o mundo, nem por um único segundo, suspendeu seu funcionamento misterioso.

Francis Ponge

Quanto ao mais, acredito que não há nada mais surreal, nada mais abstrato, do que a realidade.

Giorgio Morandi



Paisagem com buritis

Óleo sobre algodão

60 cm X 90 cm

2025



O que é visível na pintura – assunto, linguagem, serviço, técnica – é apenas aquilo de que ela foi feita. O que de imediato não vemos é a pintura. Ela é feita para o olhar de quem a faz e fica pronta quando se conclui sua possibilidade, tornando-se visível. Até esse momento ela é processo inconcluso, pois qualquer coisa ainda pode ali acontecer. Ela começa a existir exatamente quando terminada, não antes.

É a esse lugar instável que quero retornar para comentar a pintura de Paulo Valeriano, tomando a fragilidade como atributo. Nenhuma fraqueza, apenas a natureza delicada e quebradiça das coisas e das criaturas humanas, a permanente transformação da matéria denunciando o corpo vago, a morte à espera, a vacuidade da vida, a iminente transformação. Um romantismo sem qualquer drama, apenas um fato.

Visitei seu ateliê pela primeira vez há poucos meses e ele me pediu que escrevesse algo sobre seu trabalho, reconhecendo a proximidade de interesses. A empatia determina o aprofundamento do olhar e encaminha a descoberta dos sentidos implícitos e em comum, mas, só agora, no processo que a escrita demanda, dimensiono a qualidade de sua produção.

Persistem no trabalho de Paulo Valeriano a fragilidade da imagem que ameaça desfazer-se e a paisagem reduzida à lembrança, isenta da grandiosidade dos largos espaços reais e da perspectiva arrebatadora. A redução da área de pintura, ocupando apenas um trecho recortado dentro da tela, preserva o trecho por onde podemos avistar uma ideia de paisagem. É o prenúncio de um mundo que ameaça se desmanchar diante de nossos olhos e que não conseguimos acudir: a verdadeira noção de nossa contemporaneidade.





A pintura sempre se apresentou, para mim, como um campo de experiência, um espaço de encontro entre presença e vacuidade, memória e distanciamento. A imagem parece se desfazer no instante em que se torna visível, frágil como aquilo que escapa ao limite da percepção. A paisagem se apresenta como um fragmento, um resquício de algo que nunca se fixa inteiramente. Nunca uma mera representação, mas um corpo que oscila entre figura e abstração, entre a materialidade da superfície e a profundidade da imagem.

Influenciado pelo cinema e pela ideia de ‘campo’ e ‘extracampo’, investigo o que acontece quando se representa aquilo que não se vê, quando a imagem é mais uma sugestão do que uma afirmação. A linha que marca o horizonte em minhas pinturas marca também um limiar entre o que se rememora e o que se imagina.

Recentemente, tenho explorado cenas que oscilam entre registros pessoais e imagens apropriadas, criando um território híbrido entre memória e ficção. Pintar uma cena é reconfigurar um instante, ressignificar sua existência, deslocá-lo do tempo e inseri-lo em um novo fluxo de relações. O diálogo entre imagens de filmes, trechos de livros e fragmentos da minha própria vida, cria camadas de sentido onde apropriação e lembrança se confundem.

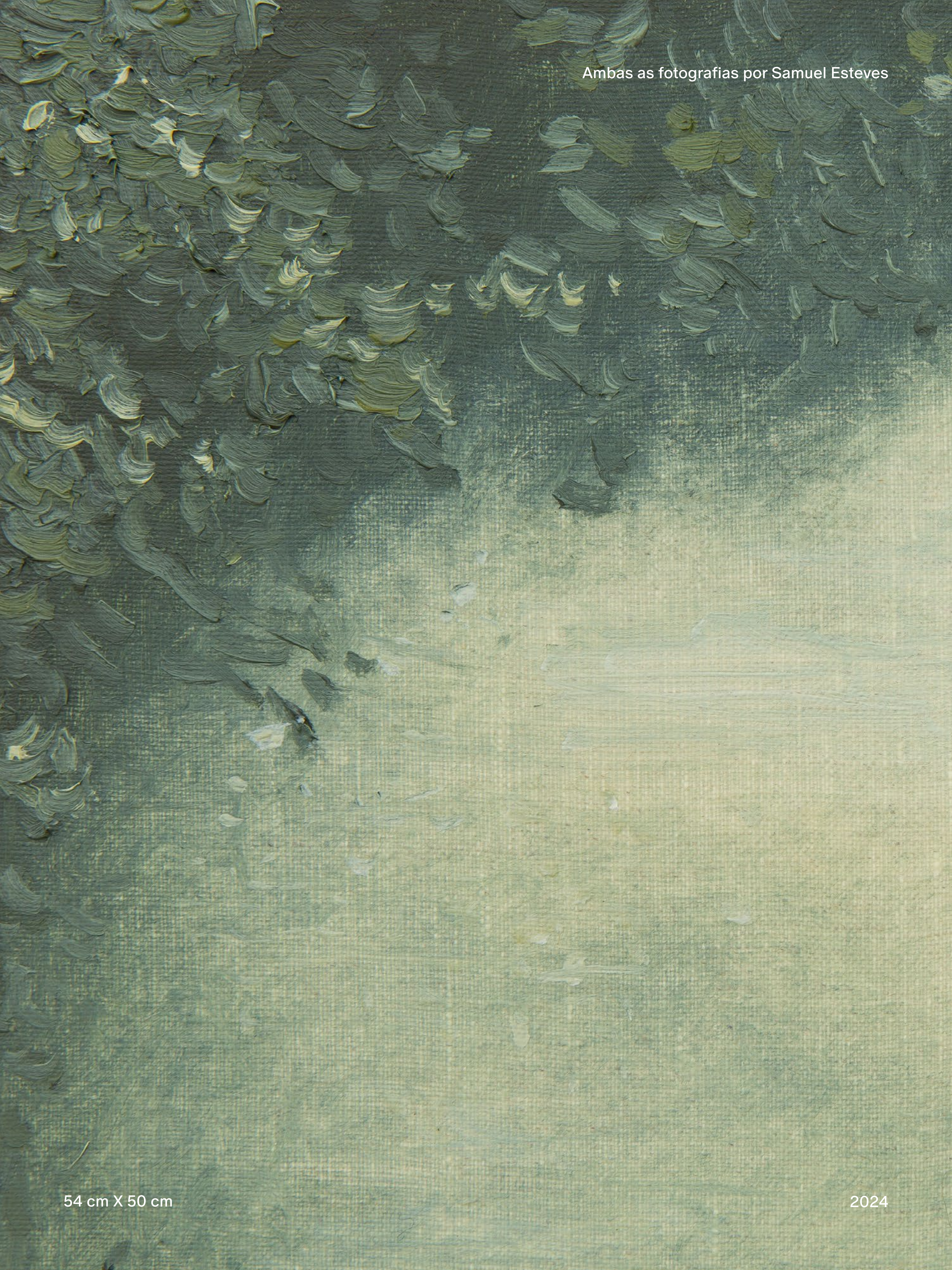
Através da pintura, busco um modo de olhar que sustente a tensão entre o efêmero e o permanente, aquilo que a paisagem — e a própria pintura — sempre foram: um lugar de passagem, de paragem, de perda e de reinvenção.





A superfície de tecido esticado em um chassi determina a área quadrangular como espaço onde será contido o assunto de interesse. Um recorte do olhar, um limite para o que ali será organizado. Quando o artista reduz a pintura a uma fração dessa superfície, deixando à vista o tecido ao redor, forma-se um tipo de redemoinho, o olhar transitando ao redor da área pintada. A paisagem restrita a essa área menor comporta-se como fragmento a ser completado e o panorama afunda-se ainda mais distante da realidade a que supostamente se refere, recolhe-se à ideia de paisagem. Apoia-se nas lembranças, destina-se à imaginação, às suposições do que as formas pintadas podem ser.

Ralph Gehre



Ambas as fotografias por Samuel Esteves



Detalhe de 'Paisagem com buritis'

Óleo sobre algodão

60 cm X 90 cm

2025

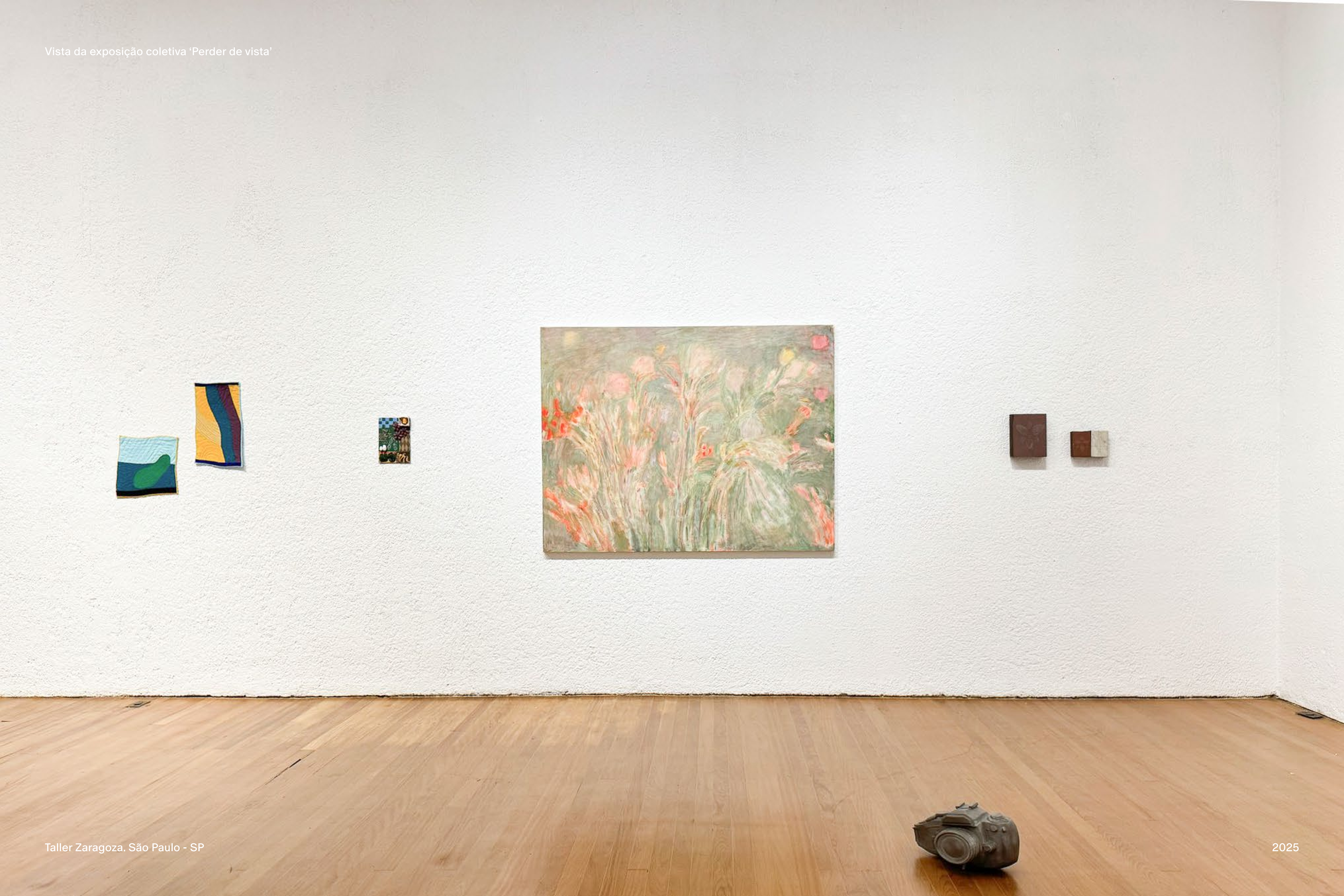


Beira

Óleo sobre alumínio

20 cm X 15 cm

2025



Lírio [TJPRS]

Óleo sobre madeira



18,6 cm X 24,2 cm

2024



As pinturas sobre alumínio partem de um tipo específico de presença: a da imagem que se forma ao mesmo tempo em que escapa. A superfície lisa e reflexiva interfere na matéria pictórica — dependendo do ângulo, a pintura aparece com nitidez; em outros, a cor se apaga e o reflexo toma o lugar da imagem. O alumínio atua como fundo ativo, devolve luz, distorce, oculta.

A paisagem — se é que ainda se trata dela — se organiza como hipótese. O alumínio torna visível o modo como a pintura se comporta: entre figura e superfície, entre o que se mostra e o que se perde. Há uma tensão constante entre o que está dentro de campo e o que fica de fora, entre o que se vê e o que insiste em não aparecer.

120 km/h

Óleo sobre alumínio

20 cm X 15 cm

2025





Vista da rocha mais alta II

Óleo sobre linho

100 cm X 90 cm

2024



‘Noite’ ou ‘Buriti’ [para Isadora Almeida]

Óleo sobre linho

81 cm X 75 cm

2024



Detalhe de 'Cajuzeiro'

Óleo sobre linho

25 cm X 27 cm

Fotografia por Samuel Esteves



Thiago

Óleo sobre alumínio

15 cm X 20 cm

2025

Artista brasileiro, Paulo Valeriano tem 25 anos e é formado em Artes Visuais (Bacharelado) pela Universidade de Brasília (UnB) e em Fotografia (Tecnólogo) pelo Centro Universitário IESB.

Há cinco anos participa de exposições coletivas na capital. Entre suas exposições, se destacam ‘Perder de vista’, 2025, Taller Zaragoza (SP), com produção de Gisela Projects; ‘Estrada Longa’, 2025, no espaço lapa, Lapa (SP); ‘Até onde a vista alcança’, 2023, Loja 16 (DF); ‘Teoria da Paisagem’, 2023, Casa Aerada Varjão (DF) e ‘Sobre/Posições’, 2023, Galeria Index (DF). Em 2024 participou da Residência Delirium, no Espaço Delirium (SP) e em 2023 esteve presente na FARGO, com a galeria escola A Pilastra. Integra expressivas coleções particulares, como as de Gisela Gueiros e Marco Antonio Nakata.



